

Amizade e auto-identidade: contribuições giddensianas para uma teoria dos afetos*

Nina Gabriela Rosas

Granduanda em Ciências Sociais/UFMG

Palavras-chave:

Anthony Giddens; amizade; auto-identidade; relações de amizade; sociabilidade.

Key Words:

Anthony Giddens; friendship; self-identity; friend's relationships; sociability.

RESUMO: Esse trabalho visa apresentar em que a teoria giddensiana pode servir para pensar as relações entre amigos. Acredita-se que ao utilizar as noções que envolvem o conceito de identidade, conforme cunhadas por Anthony Giddens, seja possível entender como as relações de amizade estão estruturadas. As considerações sociológicas pontuadas aqui devem ser vistas como hipóteses; como possíveis embasamentos a fim de fazer um mapeamento dos vínculos amicais da atualidade. Se os indivíduos são capazes de criar e sustentar reflexivamente uma narrativa a respeito da própria vida, é proveitoso perceber como as amizades se comportam frente a isso. Chega-se ao final, com a expectativa de que esse ensaio possa representar uma pequena contribuição para uma teoria das afetividades.

ABSTRACT: This paper presents as major goal an exposition about how Giddens's theory can be useful to think the relationships between friends. At using the notions that involves the identity concept, as conceived by Giddens, it is hoped to be able to understand how this relationships are structured. The sociological considerations that are pointed here should be seen as hypothesis; as possible abasements for a systematization about friendly connections in the contemporary world. If the individuals are capable of create and maintain a reflexive narrative about their own lives, it is worth to note how the friendships are related to that. Finally, it is expected that this paper can represent a small contribution for the affection theory.

Introdução

O tema da amizade já foi alvo de muitos discursos e de diálogos diversos.¹ Se for lançado um olhar sobre as relações que os indivíduos estabeleceram entre si ao longo do tempo e do espaço, é possível perceber que muito já foi dito sobre a amizade, e, no entanto, ela quase não aparece no cenário da discussão sociológica atual. Sem tentar concluir de forma precipitada e/ou justificar que isso se dá por meio do declínio da relação amical, é notório que, hoje, as amizades não aparecem como preferência temática de reflexão, embora permeiem todo o âmbito cotidiano. Direcionar esforços para tal abordagem se torna relevante, além disso, por essas relações também constituírem parte da esfera íntima – se assim é possível classificá-las de antemão – que é tão presente em discussões diversas sobre a família, a sexualidade, o espaço público, entre outras.

O que apresento sobre as relações de amizade nesse ensaio é proveniente de uma pesquisa em andamento, que visa compreender as afetividades amicais modernas (dos dias de hoje) e, para tanto, revisa como a amizade era entendida e formulada ao longo do tempo. Apesar de as asserções demonstradas serem fruto desse estudo, não cabe aqui a apresentação dessa genealogia. Muito menos trago a pretensão de abarcar, em poucas linhas, uma síntese de tudo o que já foi escrito sobre a amizade. Ao contrário, a tentativa do trabalho é tecer algumas considerações sociológicas minimamente sensíveis aos textos históricos e filosóficos, com o único objetivo de

discutir como a amizade está estruturada numa época em que o indivíduo é dotado da capacidade de organizar sua biografia reflexivamente.²

Anthony Giddens é um dos autores mais importantes do século XX e XXI e seu destaque é dispensável mencionar. Acentua-se, porém, que ele traz em seu livro *Modernidade e Identidade* (2002) uma síntese das afetividades contemporâneas, acoplada à afirmação de que os indivíduos modernos são capazes de contar uma história coerentemente organizada sobre sua própria vida. A importância que o esforço sociológico desse autor tem para se pensar a amizade está no fato dele conferir à identidade (“auto-identidade”) um atributo de reflexividade e autonomia em termos de organização da vida particular e, assim, ser possível pensar como as amizades se comportam frente a isso. A partir de suas elucidações pode ser concluído que interpretar a própria trajetória de vida, organizando-a autonomamente, é próprio da modernidade. Se isso pode ser dito, como as relações de amizade são caracterizadas hoje? Esse é o tema a que me proponho. Nesse artigo, porém, inicio a pontuação de algumas considerações sobre tal temática. Por meio da teoria de Giddens, a posição que se assume desde o início é que a categoria de identidade como ele a compreende, além de levar as concepções identitárias para além da questão da diferença/reconhecimento³, pode fornecer um aparato teórico e, por que não, instrumental, para realizar uma pesquisa empírica sobre as relações entre amigos. Acrescenta-se que da teoria giddensiana toca-se nos conceitos de “relações puras”, “confiança básica”, “segurança ontológica” e “casulo

*Esse trabalho é uma parte do projeto que realizo no Pet de Ciências Sociais. Agradeço imensamente aos alunos integrantes desse programa e ao tutor Prof. Bruno Reis pelos comentários e sugestões; aos pareceristas da Revista Três Pontos pelas observações de grande valia; ao Prof. Renan Springer de Freitas pela correção sistemática, ao Prof. Paulo Henrique Osório pela orientação e amizade; a Rafael Almeida e Cláudio Castro Corrêa pelo apoio e motivação.

1 Início esse trabalho esclarecendo que ao contrário do que parece, esse tema já foi o cerne de uma dezena de obras em diversas épocas. (Ver VINCENT-BUFFAULT, 1996 e ORTEGA, 2002). Tais obras, no entanto, tinham muitas vezes um caráter dialógico e/ou filosófico, estando muito vezes circunscritas a um contexto específico, e por isso, não as classifico aqui como propriamente do campo da sociologia, apesar de lançar mão delas, na maior parte das vezes, via outros autores.

2 Essa capacidade é, segundo Anthony Giddens, própria da modernidade. Parto desse pressuposto sem questioná-lo. Já adianto que todas as reflexões pontuadas como hipóteses serão testadas mais tarde.

protetor” que permeiam a compreensão do que ele denomina de “auto-identidade”.

Espera-se poder contribuir em alguma medida para a reflexão e sistematização ao menos conceitual das relações de amizade, aplicando nas e descobrindo-as por meio de matizes que ainda não foram explorados em relação a elas. Para isso, segue-se uma seção destinada a fazer considerações sociológicas sobre a história das relações de amizade, outra a pontuar conceitualizações de Anthony Giddens, e por último, uma tentativa de se explicar em que a teoria giddensiana pode contribuir para se pensar as relações de amizade, apontando para uma análise da sociabilidade amical hoje.

Sobre as relações de amizade

As considerações tecidas a seguir são paudadas principalmente na obra de Francisco Ortega, filósofo contemporâneo, que dedicou parte de seu esforço intelectual a fazer uma genealogia das relações de amizade (Genealogias da amizade, 2002) e de compreendê-las frente à esfera pública (Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault, 2000). A exposição de Ortega (2002) trata da amizade da Grécia antiga, de Roma, do cristianismo primitivo, da Renascença e da Modernidade. Ele consegue definir os contornos do que seria “amizade” em cada contexto desses, a partir da diferenciação da *amicitia* frente a outras relações sociais como o matrimônio, o parentesco, a irmandade religiosa, etc. A meu ver é possível extrair duas considerações fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho, a partir do pensamento de Ortega. Em primeiro lugar, ao traçar uma história da amizade, o autor acaba por demonstrar como esse vínculo é circunstancial e ligado às contingências das configurações nas quais ele se desenvolve; mesmo que se tenha uma concepção universalista de como a amizade deve ser. Segundo, sua explanação so-

bre as relações modernas não é tão satisfatória. Nela poderiam ser enxertadas algumas considerações sobre a fragilidade dos vínculos modernos, entre outras, que fariam sua análise mais fidedigna. Para tanto, a evocação das “relações puras” de Giddens pode acrescentar alguns pontos não percebidos por Ortega em seu esforço de traçar a história da amizade.⁴

Além de Ortega, aponta-se a importância de Francesco Alberoni e Anne Vincent-Buffault. Alberoni é um filósofo do século XX que volta seu esforço para compreender o valor universal da amizade. Buffault, historiadora também desse mesmo século, marca sua relevância para esse tema ao descrever a amizade no século XVII e XVIII.⁵ Essa escolha se fundamenta por eles contemplarem, em suas referências, obras de diversos outros autores clássicos e contemporâneos sobre a amizade, ao passo que não seria possível, para mim, estudá-las uma a uma. A limitação da escolha é evidente.⁶ O importante a ser frisado, no entanto, é que os vínculos de amizade podem ser considerados como algo que, ao olhar retrospectivamente com olhares modernos, seriam classificados como outro tipo de afetividade.

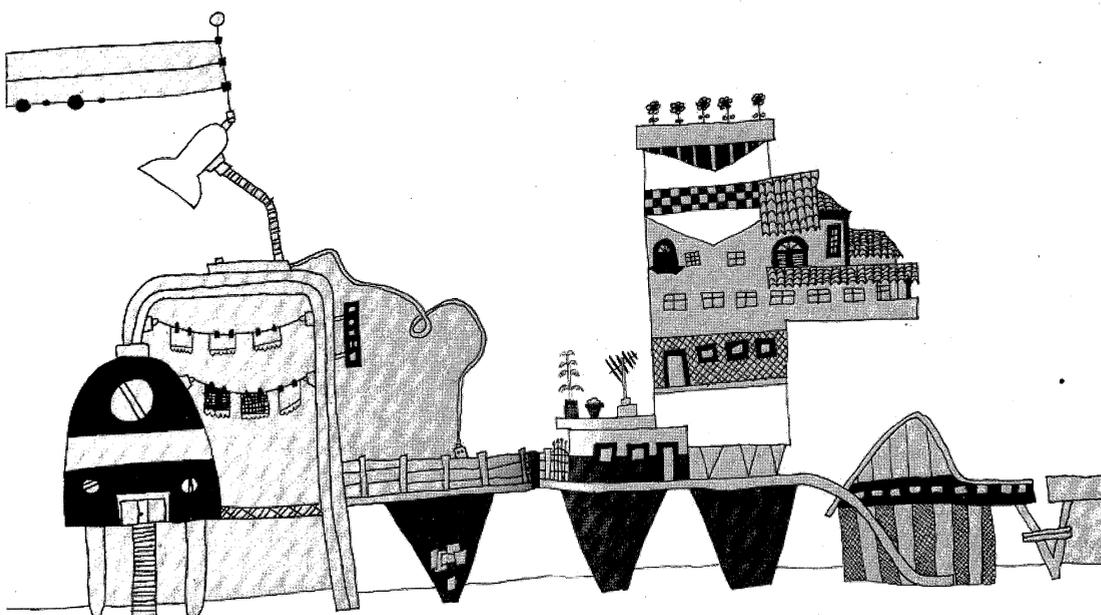
Ao estudar a trajetória histórico-filosófica da amizade perceber-se uma divisão clara e dicotômica, mesmo que aparentemente grosseira. De um lado, pode-se pensar (hipoteticamente) numa linha que norteia o pensamento de autores que concebem a *amicitia*⁷ como dotada de um conteúdo imutável. Eles buscam, a partir daí, extrair do contraste com as relações vigentes, o que é a verdadeira amizade. Dentro dessa perspectiva, pode ser colocada – com acento para a grande diferença de suas teorias amicais – a perspectiva platônica e aristotélico-ciceroniana. Consoante com essa busca pelo aspecto normativo desse tipo de afeto destaca-se Francesco Alberoni. Acentuo a presença desse autor para abolir possíveis deduções de que esse pensamento de que a amizade tem um conteúdo indelével já foi su-

³ Infelizmente não é possível discorrer sobre a forma como o interacionismo e outras vertentes do pensamento sociológico entendem e abordam a identidade. Espera-se que essa diferença seja minimamente dedutível na medida em que a teoria da auto-identidade é exposta abaixo.

⁴ Eu poderia me ater apenas em fazer apontamentos complementares e substitutivos da concepção moderna de amizade apresentada por Ortega. Em princípio, quero com essa elucidação apenas afirmar que em se tratando de afetividade contemporânea, lanço mão de outras considerações que não apenas as dele. Não desconheço as produções recentes do autor sobre “bioidentidade” e “biosociabilidade”, mas não considero que esses conceitos sejam interessantes para essa discussão.

⁵ Cito esses autores aqui por eles terem sido base para as reflexões sociológicas que proponho nessa introdução sobre as relações de amizade. Considerações mais pontuais sobre suas obras não fazem sentido nesse contexto.

⁶ Como consequência disso, reconheço que o que é dito sobre amizade nesse texto pode incorrer nas mesmas interpretações, talvez errôneas ou limitadas, dos críticos aqui evocados. Espero que essa forma de construção de um panorama das relações de amizade não seja por isso comprometido.



perado. De acordo com a divisão que proponho, do outro lado, paralelamente, notar-se-ia um pensamento norteado por uma percepção de que as amizades são históricas, *strictu sensu*, condizentes com as relações estabelecidas com a família, a noção de ciência, a prática da sexualidade e da política. Para esses autores, a amizade não possui qualquer atributo ou atribuição metafísica visto que é condizente com a estrutura social que configura determinado grupo. Essa segunda forma de pensamento pode ser encontrada em Agostinho, Buffault, Ortega, dentre outros. Toma-se essa última imagem da amizade como posição central para esse artigo.

A perspectiva da amizade como fenômeno meramente histórico⁷ começa a ser vislumbrada na análise platônica do *"philos"*. Apesar de Platão ter um compromisso com a busca pela verdade e pelo amor – daí se vê sua possível crença no conteúdo inato da amizade – é em seu próprio trabalho para conceituá-la enquanto tal que se percebe a relação desta com o *eros paidikon*, típico da Grécia antiga. Na medida em que os jovens gregos eram iniciados na filosofia, nas atividades físicas e na sexualidade, por meio de um vínculo com homens mais velhos, surgia a "antinomia dos rapazes", uma ambivalência presente nessa relação. Os jovens passivos sexualmente estavam destinados a não exercerem sua cidadania na *"polis"*. Como tentativa de sublimar essa *"ars erótica"* problemática, Platão desenvolve o que Ortega interpreta como "ontologia platônica da *philia*", uma forma de prevalecer com o caráter educativo dessa relação abstraindo a sexualidade que ela continha.

Outro exemplo digno de nota está na concepção cristã primitiva, que considerava incorreto o emprego do termo amizade, visto que ele conotava o particularismo, o egoísmo e a posse da relação amical, bem como as alianças políticas e militares que eram estabelecidas e que poderiam caracterizá-las. Dessa forma, o vínculo da fraternidade universal, do amor a Deus e à família da fé estava destinado à *caritas christiana*, ao amor ágape. Acontece assim uma inversão da hierarquia pagã, que considerava a amizade como o melhor vínculo de convivência.⁸

No próprio exercício da amizade, portanto, havia uma busca por defini-la enquanto tal, pensá-la e repensá-la, refinando-a ou descartando-a como modelo de referência. A ligação da *amicitia* com outras instituições sociais (em sentido lato) afetava diretamente os atributos e atribuições destinados a ela. Ou seja, a amizade aparece como um fenômeno eminentemente social, no sentido de ser passível de alteração tão logo, ou paralelamente, se alterassem outras configurações sociais. Um exemplo disso é a amizade dos conventos e colégios do século XVIII, que organizavam a educação das moças e dos rapazes em função da separação dos sexos e da disciplina militar (no caso masculino), decaindo depois em detrimento da amizade mista. Isso é explicitado logo no começo da obra de Buffault:

"Nascida essencialmente da atividade guerreira, a mitologia da amizade heróica e cavalheiresca está ligada ao perigo e à ação, à fraternidade de armas, ao exercício da coragem, do heroísmo, a uma solidariedade frente ao adversário. Na época moderna e contemporânea, ela é transposta para a vida civil ou profissional e para uma sociabilidade masculina que tende a celebrar suas especificidades, distinguindo-se do universo feminino". (Buffault, 1996, p. 14)

Assim, o que se pode perceber é que mesmo aqueles autores que se propunham ou acabavam por defender uma amizade dotada de atributos metafísicos e universais, corroboraram para a demonstração de que a amizade é um fenômeno histórico, circunstancial, dotado das características particulares de cada sociedade.

Pensando nas relações de amizade no contexto da "modernidade tardia", de antemão é possível ressaltar as transformações ocorridas nesse tipo de vínculo. Obviamente, é possível notar que não se fala de amizade no sentido dos pares famosos de amigos, como Montaigne e La Boetie, ou nem mesmo de acordo com as concepções clássicas rapidamente apresentadas. Em linhas gerais, as relações modernas são dotadas de uma complexidade própria a essa modernidade. O efeito das mídias e dos meios de comunicação tem gerado outras relações de tempo/ espaço. A 'livre' possibilidade de escolha de gênero e a extensão ou frouxidão das categorias renda, faixa etária, raça, etc., podem levar a amizade a perpassar tais fronteiras ou a ficar reclusa em alguma dessas barreiras. Ou pode ser até mesmo que as relações de amizade em nossa cultura sejam residuais, persistindo ainda como grandes bolsões de tradição. De todo modo, seria vago tentar delinear essas fronteiras sem um trabalho de campo. Não obstante, o que se visualiza é que as influências das relações com os amigos na vida do indivíduo dito moderno, reflexivo, capaz de "perpetrar suas ações" e estruturar as instituições à sua volta, são obscuras e ainda pouco sondáveis.

Sobre a teoria de Anthony Giddens

Giddens dedicou parte de sua obra a tratar a questão da modernidade, da transformação da intimidade e da identidade. Nesse período onde se observa o surgimento dos estados nacionais, a contenção das emoções, o refinamento e elevação do patamar de embaraço, como pontuou Norbert Elias, Anthony Giddens elabora e apresenta o "tipo ideal" de vínculo da época – as "relações puras". Elas são o avesso da solidariedade tradicional feudal e são caracterizadas, principalmente, por estarem além das relações econômicas, políticas e religiosas.

Esse vínculo se trata de uma relação iniciada pela satisfação que o contato com o outro pro-

⁷ Os termos *amicitia*, amizade e amical são utilizados com o mesmo significado. As variações são apenas recurso estilístico.

⁸ As considerações apresentadas sobre a análise platônica da *philia* e da amizade cristã são oriundas do pensamento de Francisco Ortega.

⁹ Esses são apenas alguns exemplos, dentre diversos, que podem ser evocados para pensar as amizades não como inatas e dotadas de atributos atemporais, mas, historicamente organizadas e constituídas.

porciona e vai se estender até quando esse benefício perdurar. Giddens aponta a amizade como um exemplo desse afeto que se mantém exclusivamente pelas recompensas que traz para os envolvidos (GIDDENS, 2002, p.87) (Francesco Alberoni concebe a amizade também como uma relação que se mantém pelos encontros sucessivos e que são responsáveis pela concepção de uma temporalidade granular). Essa forma de relacionamento se caracteriza pela ausência quase absoluta de obrigatoriedades recíprocas e pode ser rompida tão logo não apresente mais valor intrínseco. Isso não quer dizer que não exista tensão no relacionamento, mas que ela é uma ameaça significativa que pode provocar seu rompimento. Outro atributo desse afeto é que a relação pura é organizada de modo aberto: uma avaliação pessoal é feita periodicamente com vistas a validar ou não o compromisso requerido. Ela também se caracteriza pela intimidade que confere e pelas satisfações necessárias que proporciona, além da confiança que requer e exige para que seja prosseguida. Esse tipo de vínculo aparece, segundo o autor, na amizade, no casamento e nos domínios da sexualidade. Requer, em suma, confiança mútua, reciprocidade, decisão de ambos em permanecerem mutuamente vinculados, autodomínio, autenticidade e comprometimento.

Em um mundo tão plural, como a maior parte dos autores que tratam da modernidade o concebe, os indivíduos têm uma vasta gama de opções de escolhas para fazer cotidianamente. Giddens chama esse conjunto de escolhas que se rotinizam e as atividades e caminhos mais ou menos coerentes a que um indivíduo abraça de "estilo de vida". Não há como não tomar essas decisões cotidianas. Apesar da liberdade em se fazê-las, elas são obrigatórias. Adicionalmente, coloca-se que elas preenchem não só as necessidades práticas como "dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade" (GIDDENS, 2002, p. 79).

Além dessa postulação do protótipo da relação típica da modernidade, tomo o conceito de "auto-identidade" desenvolvido por Anthony Giddens. A inovação do autor está em conferir uma roupagem totalmente nova à noção de identidade. Além disso, ressalto que o que é interessante para o propósito desse trabalho é que a "auto-identidade" não é uma série de características distintivas que um agente deve ter, mas sim a capacidade inerente ao indivíduo moderno de contar uma história para si ou para outros sobre sua própria vida, dotando-a de coerência e significado, sendo possível, a partir disso, dar seqüência às atividades cotidianas. Giddens enfatiza que essa habilidade é própria apenas da modernidade e não deve ser confundida com autoconsciência. A falta ou a deficiência dessa aptidão resulta em problemas psíquicos. A noção de auto-identidade, portanto, trata de um processo de criação, sustentação e continuação de uma narrativa biográfica referida internamente. Não se pode dizer, nesse sentido, em perder, achar ou reunir identidades fragmentadas (assim o autor se distancia das discussões

sociológicas e principalmente antropológicas atuais sobre identidades). Não se trata também de um epifenômeno, percebido somente na infância ou adolescência. Consoante com o estilo de vida, com a auto-reflexão da modernidade, enfim, com as demandas às quais os indivíduos se deparam, essa identidade supõe uma narrativa, uma forma de organizar o mundo à sua volta, de modo pessoal. A auto-identidade não se trata, portanto, de um conjunto de escolhas feitas pelos indivíduos ou de seus percursos de vida, antes, é a forma com a qual ele faz tais escolhas, refletindo, gerenciando, revendo, desfazendo e refazendo suas tomadas de decisão.

Complementarmente, Giddens ressalta que é importante para os agentes terem espaços em que possam ser totalmente honestos consigo mesmos. Dessa forma, é possível rever os acontecimentos, as escolhas feitas e as pessoas com as quais se relacionou, e conferir a esses cenários novas cores, introduzir ou alterar falas e passos, colocar numa nova ordem. Dessa forma, trata-se de constituir um "eu" reflexivo, corrigindo o passado e antecipando o futuro. A autobiografia tem essa função de remodelar a história de vida do indivíduo por meio de suas próprias mãos. Assim:

"(...) a autobiografia — particularmente no sentido amplo de uma auto-história interpretada, produzida pelo indivíduo em questão, seja escrita ou não — está realmente no centro da auto-identidade na vida social moderna. Como qualquer outra narrativa formalizada, ela é algo que deve ser trabalhado, e certamente demanda esforço criativo". (GIDDENS, 2002, p.75)

Anthony Giddens elabora um conceito que aponta para uma característica que segundo ele é própria da época vigente. Essa habilidade compatível e desenvolvida pela modernidade não tem sido até então valorizada como objeto de investigação científica. Uma ressalva importante nesse sentido é que o autor, ao propor o conceito de "auto-identidade", faz uma junção tanto do que é vivenciado por um recém nascido até o que é maturado na idade adulta. Giddens faz isso por meio da pontuação dos mecanismos de "confiança básica" e "segurança ontológica. Para tratar de "auto-identidade", ele lança mão de certa engenharia de formação da mente e da personalidade. Nesse sentido, o autor explica que a "segurança ontológica" é o que oferece respostas às questões existenciais: interrogações sobre a finitude da vida, sobre a origem do ser em termos de realidade, questionamentos quanto à percepção de outras pessoas, enfim, perguntas sobre a coerência do que é presenciado pelo indivíduo. Para responder a essas questões, as relações de confiança desenvolvidas nos primeiros vínculos ("confiança básica") são responsáveis pela consolidação de um real, por um sentido de "irrealidade" que conforta e protege contra ansiedades

e ameaças potenciais. Destarte, ele percorre outro trajeto que não o dos "estudos culturais", conferindo à identidade um caráter bem afim às características da modernidade reflexiva.

Algumas considerações

Pensar as relações de amizade na contemporaneidade é um caminho muito extenso que pode ser realizado por várias veredas diferentes. A opção por trabalhar esse tema se deve ao fato de muito já ter sido dito a respeito de um "dever ser" da amizade e quase nada na direção de uma teoria social dos afetos. O designo cunhado aqui é o de cooperar homeopaticamente nesse último sentido. Para isso, é necessário acrescentar que algumas impossibilidades impediram a citação pontual de um trabalho importante nesse trato¹⁰. Acredita-se, todavia, conseguir dar um passo adiante por meio da inserção de categorias giddensianas para se pensar a amizade nos dias de hoje. Com essa proposta, contudo, não ignoro que outras possibilidades de entendimento serão inevitavelmente obscurecidas, como por exemplo, uma discussão relativa a outros aspectos da sociabilidade que poderia ser apresentada por meio da consideração de Bauman, Simmel ou Mauss (entre outros), passíveis de serem relacionadas ou complementarem a noção de amizade atual.

Giddens também é sensível em notar as transformações da esfera íntima como duplamente relacionada à modernidade. Por um lado, ele acentua que mudanças nessa esfera são decorrentes de transformações "macro", mas também declara que as alterações "micro" podem e têm arrolamento com formas institucionais. Essa defesa confere ao

indivíduo a possibilidade de exercer mudança, inclusive no que diz respeito à afetividade amical, visto que trata da institucionalização do privado como produto da rotinização de ações individuais para as quais há liberdade de decisão.¹¹ Esse raciocínio duplo pode ser encontrado em outros escritores, mas no autor, ele está presente envolvendo a concepção de identidade e deve ser enfatizado. Citando-o:

"A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e portanto com o eu. (...) O eu não é uma entidade passiva, determinada por influências externas; ao forjar suas auto-identidades, independentes de quão locais sejam os contextos específicos de ação, os indivíduos contribuem para (e promovem diretamente) as influências sociais que são globais em suas conseqüências e implicações". (GIDDENS, 2002, p. 9)

Com isso, se conclui que as mudanças mais singelas nas organizações das amizades podem e devem implicar na promoção de alterações das formas institucionalizadas desse afeto. Em contrapartida, ou no sentido inverso, novas estruturas de afetividade condicionarão as condições em que as amizades serão desenvolvidas.¹²

Assim, vislumbro propor algumas implicações que a nova aptidão de cunho sócio-psicológico ("auto-identidade") traz para a compreensão das relações amicais. A concepção de que amizade é uma simples aproximação de "iguais" mediada por afinidade, maneira trivial de pensar o afeto entre amigos, é pintada com novos matizes por meio

¹⁰ Alusão a Cláudia Rezende Barcellos. Os significados da amizade.

¹¹ Creio não ser interessante para esse tema entrar nas controvérsias que o raciocínio da estruturação pode gerar. Apesar de não desconhecer essa discussão, tomo Giddens como base para a análise aqui desenvolvida.

¹² Além do exposto sobre a amizade, muito poderia ser pontuado sobre o amor, que é outro tipo de sentimento sempre presente nas tentativas de se definir o que são relações amicais. Entretanto, pensa-se que a exposição desse artigo, apesar de não detalhar o enamoramento, contém descrições (para fins de análise) fidedignas sobre os afetos de amigos.



dessa concepção. Em primeiro lugar, insere-se nesse percurso a idéia de reflexão, que vai além da reflexividade da modernidade tardia. O que se aborda, como já norteado, é a capacidade do agente de ver “por cima” e gerenciar suas próprias atitudes, o que também pode ser suposto para as relações de amizade. Isso não mais significa pensar apenas como se o que funcionasse fosse unicamente um comportamento estímulo-resposta. Não é o fato apenas do indivíduo perceber que o outro não possui as atribuições necessárias para fazer parte de seu grupo de amigos que orientará a definição de uma “rede” de convivência. Mas marcadamente, a capacidade dele em eleger, constituir, estabelecer e comandar um conjunto de próximos de maneira condizente com suas expectativas e anseios. Isso não significa tratar a amizade de forma apenas instrumental e funcional (também não quer dizer descartar essas dimensões), mas é, principalmente, conferir a habilidade de estruturar relações, que vai além da definição de contatos profissionais interessantes.¹³

A auto-identidade, também, é proposta por Giddens tanto como sólida o bastante para assegurar a continuidade de vida ao indivíduo, quanto frágil, suficientemente, que outra história qualquer poderia ser contada em detrimento da atual. Nesse sentido, se assim mesmo o for, as relações de amizade podem contribuir para a história de vida pessoal. Isso só seria legítimo (consoante com o pensamento giddensiano) com a validação dos agentes, ou seja, se os indivíduos corroborassem, mesmo que de forma indiretamente consciente, para que outros interferissem em suas tomadas de decisões, das menores, como comprar uma roupa, a maiores tais como ingressar numa universidade, fazer um aborto, mudar de país, se casar..

Concomitantemente, é possível supor baseado nas asserções já mencionadas, que as relações de amizade propiciam aos indivíduos a montagem um leque que forneça parâmetros comparativos, ou seja, elementos de possíveis atitudes, que os levem a (re) constituírem, (re) significarem e (re) ordenarem a própria percepção, servindo de recursos para suas ações. Isso significa dizer que a credibilidade nos amigos faz funcionar uma engrenagem que configura (talvez até não conscientemente) quais são as coisas certas e erradas, aquilo que deve ou não ser feito; por meio da junção de uma (ou mais) “moral” que é reunida. Nesse sentido, se relacionar com um amigo implicaria em escolher não só a amizade, mas, se aquele indivíduo fará parte das referências que se quer colecionar. Isso levaria a pontuar os vínculos de amizade nos dias de hoje como significativamente presentes na organização da vida dos agentes. E se isso for observável, a amizade precisa voltar a fazer parte de uma agenda de pesquisa sociológica.

Outra possibilidade a ser apontada é uma analogia entre relações de amizade e as fragilidades do que Giddens chama de “casulo protetor”. Para ele, “confiança básica” e “segurança ontológica”

dão origem a essa carapaça de proteção que filtra perigos potenciais, protegendo o indivíduo de ansiedades e ameaças a sua integridade. Essa casulo é um sentido de “irrealidade” que coloca entre parentes riscos eminentes que abalam a sensação de segurança indispensável ao seguimento da rotina. Ressalta-se que apesar da “segurança ontológica” e a “confiança básica” estarem confinadas às relações das crianças com os cuidadores, o casulo pode ser abalado até mesmo na vida adulta, pode ser rompido temporariamente, e prejudicando o indivíduo em sua trajetória. O que poderia afetá-lo, segundo o autor, são acontecimentos que remetem às questões existenciais de alguma forma, como acidentes de carro, mortes de parentes e conhecidos, entre outros. Com o tempo, o casulo é restaurado e a normalidade reina novamente. Como dito:

“Confiança, relações interpessoais e uma convicção da “realidade” das coisas andam de mãos dadas nos ambientes sociais da vida adulta. As repostas do outro são necessárias na sustentação de um mundo “que é observável” e “que responde”, e no entanto não há como confiar em termos absolutos”.(GIDDENS, 2002, p. 53)

As relações de amizade podem ter influência nesse processo de re-erguimento do casulo, não mais no sentido de firmarem uma confiança que é básica e seria formada na infância, mas na possibilidade de em conversas de intimidade restaurarem a segurança momentaneamente perdida. A partir do ponto que se é considerado que os amigos podem oferecer suporte a um rompimento de matrimônio ou à saída da casa dos pais, essas interferências se tornam mais significativas; pois se passaria a recorrer ao(s) amigo(s) para a obtenção de recursos que apoiassem as ações individuais. Se essa hipótese for percebida como faceta do “real”, os amigos estarão amplamente envolvidos com as respostas que os agentes se dão quanto a assuntos cotidianos ou até mesmo na constituição de uma veracidade dialógica a respeito da existência.

Conforme aponta Alberoni (apesar de pensar que isso serve para a amizade em qualquer época da vida), relacionar-se com o outro é descobrir a diferença e o risco da solidão individual, é perceber tanto as desigualdades quanto as semelhanças, é se descobrir. É, deste modo, uma outra forma de se relacionar consigo mesmo. O amigo é visto como alguém que aponta o caminho condizente com nossos gostos e preferências, mas sem o qual não seria possível enxergar sozinho. Ele não é ditador de suas próprias vontades, mas, na medida em que se relaciona permite ao outro a descoberta de coisas que não poderia fazê-las sem a ajuda dele. Alberoni defendia que esses eram atributos de uma amizade universal, mas percebeu essas características em pleno século XX, apontando muito pouco para a crise (ou simplesmente mudança) desse tipo de afeto, o que me

¹³ Nesse ponto é importante acrescentar que há novas formas de extensão e gerência do grupo de amizade, como a internet, blogs e espaços afins. Além disso, outros tipos de convivência podem estar sob a égide da amizade. Não obstante, essas são dimensões para outros trabalhos.

permite pensar que ele vislumbrava essa relação ideal ainda nos dias de hoje.

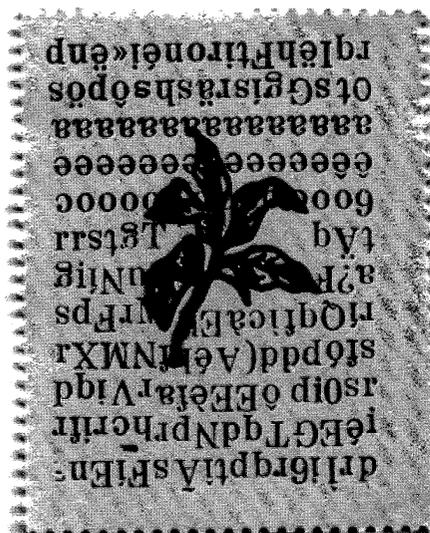
Final

Ainda é proveitoso pensar as afetividades entre amigos e como elas estão dispostas no cenário brasileiro do século XXI. Nota-se em diversas obras, que praticamente até o século XVIII, a história da *amicitia* era uma história da amizade masculina. Os laços afetivos entre as mulheres ou passavam despercebidos, ou nem sequer existiam. Além disso, os vínculos amicais (se é que ao dar a eles esse nome não utilizamos de uma concepção moderna) se apropriaram da sexualidade e a tinham como prática inerente. Por motivos diversos (possíveis de serem pontuados em tese) como a incorporação do sexo e do amor pela família por meio do matrimônio, a formulação da categoria "homossexual" e do "homossexualismo",

entre outros, a amizade há que ser repensada enquanto prática de convivência. Mesmo que atualmente já se aponte, até por deduções de senso comum para uma decadência da família enquanto instituição social, é preciso verificar quais são os atributos que a amizade pode lançar mão.

Concluindo, Anthony Giddens não tem uma teoria das relações de amizade e revisá-lo por meio dessa temática também seria também proveitoso. No entanto, a proposta de usar a teoria da "auto-identidade" para se pensar as afetividades entre amigos é apontar caminhos estimulantes para realizar observações práticas¹⁴ e poder perceber a importância da amizade e sua influência. Isso me faz pensar que o vínculo de amizade hoje pode estar resignado a ser somente instrumental, como muitas vezes tem sido; ser a impessoalização da(s) rede(s) de amigos, ou existir apenas como resíduo de um tipo de vínculo que em breve desaparecerá do cenário intersubjetivo subsumido por outra forma de sociabilidade.

Submetido em Agosto de 2007
Aprovado em Outubro de 2007



¹⁴ O trabalho aqui exposto é parte das elucidações teóricas que dão suporte para a pesquisa prática que estará sendo realizada seqüentemente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERONI, Francesco. (1989) *A amizade*. Rio de Janeiro
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. (1997) *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Ed. da UNESP.
- CÍCERO; SOUZA, Gilson César Cardoso de. (2001) *Da amizade*. São Paulo: Martins Fontes.
- ELIAS, Norbert. (1995) *A sociedade de corte*. Lisboa: Estampa.
- _____. (1990-93) *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2 v
- GIDDENS, Anthony. (2003) *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1993) *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo.
- _____. (1991) *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP.
- _____. (2002) *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- _____. (1983) *Profiles and critiques in social theory*. Berkeley: University of California.
- GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. (1999) *Teoria social hoje*. São Paulo: Ed. UNESP.
- ORTEGA, Francisco. (2002) *Genealogias da amizade*. São Paulo: Ed. Iluminuras.
- SILVA, Tomaz da Silva; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (2003) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.
- STINCHCOMBE, Arthur L. (1968) *Constructing social theories*. New York: Harcourt, Brace & World.
- VINCENT-BUFFAULT, Anne. (1996) *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.